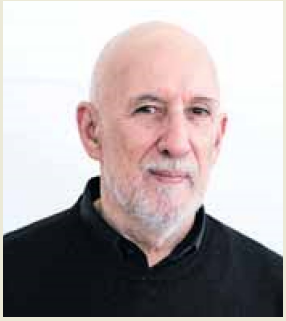
Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.

Abrir portas onde se erguem muros

Director: Manuel Carvalho **Sexta-feira, 8 de Abril de 2022** • Ano XXXIII • n.º 11.667 • Edição Porto • Assinaturas 808 200 095 • **2€**

Festival Sónar
A cultura electrónica chegou a Lisboa com Richie Hawtin
Ípsilon



Carrilho da Graça
"Em Portugal, os arquitectos são apreciados de uma forma abstracta"
Cultura, 36/37

World Press Photo
O passado e o presente dos povos indígenas em destaque nas imagens do ano
Cultura, 39

Crescimento económico põe pensões a subir acima da inflação em 2023

Maioria dos pensionistas vai beneficiar de aumentos acima da inflação graças a uma actualização automática. Sem salários indexados à inflação, poder de compra fica nas mãos do Governo Economia, 30/31

NELSON GARRIDO

Guerra na Ucrânia
Foi um jogo *online* que trouxe esta família para Ovar
Destaque, 2 a 7

Superior
Quem ensina os professores não tem formação especializada
Um terço dos docentes que formam professores não é especializado na área Sociedade, 18 e Editorial

Eleições em França
PS corre risco de vida nestas presidenciais
Dos enviados Alexandra Prado Coelho e Nuno Ferreira Santos, em Paris
Mundo, 26/27

Covid-19
Com as mortes a descer podemos tirar a máscara após a Páscoa
Meta de 20 mortes por milhão de habitantes a 14 dias pode ser atingida na Páscoa Sociedade, 19

Costa anuncia redução do imposto sobre gasóleo e gasolina como se o IVA descesse para 13%

O primeiro-ministro anunciou ontem, na apresentação do programa do Governo, um novo pacote de medidas para controlo da inflação no sector energético e agro-alimentar. Uma das medidas consiste numa nova redução do imposto sobre gasóleo e gasolina, de forma temporária e equivalente à redução da taxa do IVA de 23% para 13%. Costa respondeu a Marcelo: "Cá estarei quatro anos e seis meses" Política, 12/13

PUBLICIDADE

ISNN-0872-1556

Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.

Um jogo *online* aproximou Valeria e Deise e acabou por trazer uma família ucraniana para Ovar

Quando a guerra começou, foi Deise quem iniciou o processo que terminaria com uma família de sete pessoas instalada numa moradia de Maceda, com as bandeiras dos dois países

Reportagem

Sandra Silva Costa Texto
Nelson Garrido Fotografia

Durante quatro anos, Valeria e Deise pensaram muitas vezes que um dia se encontrariam. Cruzaram-se por acaso em 2018, quando ambas jogavam online *Game of Sultans*, um jogo de estratégia que evoca o Império Otomano, e dali até trocarem as contas de Instagram foi um passo. "Começámos a falar no chat do Instagram, vimos que tínhamos algumas coisas em comum e ficámos amigas até hoje", recorda Deise Lorine, arquitecta de 25 anos, natural de Esmoriz, uma freguesia do concelho de Ovar.

Valeria Kovalchuk, de 23 anos, vivia em Kiev, a capital ucraniana, onde trabalhava como empregada de mesa num restaurante. "Poucos dias antes de a guerra começar, ela disse-me que estava grávida e mandou-me fotografias da barriguinha", conta a portuguesa. No dia 24 de Fevereiro, quando ouviu as notícias da invasão russa, Deise ficou em sobressalto. "Mandei-lhe logo mensagem para saber como ela estava, fiquei muito preocupada."

Valeria estava bem. Menos de um mês depois, as duas amigas virtuais encontraram-se. Foi a 21 de Março que se viram pela primeira vez, à porta da nova casa da ucraniana – uma moradia de um amarelo-pálido na Rua das Cortinhas, em Maceda, outra freguesia de Ovar. "Quando eu estacionei o meu carro, ela tinha chegado há minutos e estava a tirar coisas da carrinha. Olhámos uma para a outra e abraçámo-nos. Nenhuma de nós alguma vez pensara que seria assim que nos conheceríamos."

Mas Valeria não veio sozinha. Com ela vieram a mãe, Oksana, de 52 anos; a irmã Victoria, de 26, e os seus três filhos: Dasha, de seis anos, Masha, de cinco, e Maksym, um menino de 11 meses e sorriso fácil; e a irmã Alina, de 17 anos. Foi Deise quem iniciou o processo que permitiria tirar esta família da Ucrânia e instalá-la em Maceda, uma vila a 4000 quilómetros de distância de que nunca, obviamente, tinham ouvido falar. "Estou imensamente grata à Deise pelo que fez pela minha família", sorri Valeria.

Deise, por sua vez, está grata a Hanna Denysyuk, ucraniana a viver há 20 anos em Portugal e casada com o presidente da Junta de Freguesia de Maceda, Miguel Silva. "Quando a guerra já ia avançada e a Valeria me pediu ajuda para sair da Ucrânia, lembrei-me imediatamente da Hanna, porque já a conhecia", explica Deise Lorine.

Hanna, de 36 anos, bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e a fazer doutoramento em Engenharia Informática na Universidade da Beira Interior, também está sentada a esta mesa e faz a tradução da conversa. Valeria é a única que fala umas palavras de inglês.

Vinte dias na cave

Quando a guerra estalou, esta família, que na prática são três famílias, estava entre Kiev e Chernihiv. Valeria vivia com o namorado de 25 anos num apartamento em Kiev – e o casamento estava já marcado para o início de Abril. O marido de Victoria encontrava-se igualmente na capital ucraniana, onde continua a trabalhar "na área do mobiliário", mas ela e os seus três filhos estavam em Chernihiv, em casa da mãe. Ao ritmo que lhe permitiram as suas gravidezes, Victoria "foi estudando Veterinária" e Oksana costumava ajudá-la com as crianças. À data da invasão russa, Victoria, que ainda se encontra a gozar a licença de maternidade pelo nascimento de Maksym, vivia, então, numa cidade diferente daquela onde vive o marido.

21

A guerra começou na Ucrânia no dia 24 de Fevereiro e quase um mês depois, a 21 de Março, a família de Valeria chegava a Portugal

Oksana "é militar reformada" – deixou o serviço na área das comunicações depois do nascimento da filha mais nova. O marido também é militar e está "envolvido nas operações de defesa de Chernihiv", diz a mulher. Com o intensificar dos ataques na cidade, Oksana, as filhas Victoria e Alina e os três netos procuraram refúgio na cave do prédio. Ficaram lá "cerca de 20 dias", com mais "umas 50 pessoas". Destas, 28 eram crianças.

Do seu núcleo familiar, Oksana era a única que saía do abrigo, para ir a casa cozinhar. As sirenes soavam, ouviam-se as bombas. "De nada me serviu o treino militar que tive. Uma coisa é ser militar quando o país está em paz, outra coisa é quando passam os aviões e lançam bombas. Fiquei como toda a gente: desorientada, com medo", reconhece.

O mais difícil foi lidar com as crianças. Victoria: "Nos primeiros dias, elas até acharam engraçado, não sabiam exactamente o que se estava a passar. Mas o tempo foi passando e tudo ficou pior: dormiam no chão, com frio, depois ficámos sem luz, comíamos enlatados. Perguntavam o que era o barulho lá fora e nós dizíamos que era trovoada. Mas a Dasha, um dia, disse que não, que era a guerra, e que os homens estavam lá fora a lutar para proteger o país."

Em meados de Março, o namorado de Valeria, preocupado com ela e com o menino que vem a caminho – a gravidez leva quatro meses –, começou a insistir que saísse da Ucrânia. "Foi aí que decidimos reunir a família e sairmos todas por causa do futuro das crianças." Sem quaisquer outras ligações a Portugal, Valeria pensou logo em Deise e pediu-lhe ajuda. Deise procurou Hanna, Hanna desdobrou-se em contactos e começou a tratar de tudo para as receber em Maceda.

Deise (na foto principal, à esquerda) e Valeria (à direita) conheceram-se num jogo *online* e tornaram-se amigas. A família vive agora numa moradia que foi mobilada graças à solidariedade da comunidade de Maceda

Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.

Oksana, Victoria e as crianças saíram para Kiev, onde se juntaram a Valeria. Na capital ucraniana apanharam um comboio para Lviv e outro para Medyka, na Polónia. Por essa altura, já Hanna estava em contacto com os Bombeiros Voluntários de Esmoriz, que enviaram um autocarro para aquela cidade polaca para recolher refugiados. "Mas elas chegaram lá com um dia de atraso", recorda Hanna. No campo de refugiados de Przemysl, onde procuraram abrigo, Valeria viu alguém com um cartaz onde se lia "Portugal". "Foi uma sorte incrível. A empresa Flying Sharks tinha transportado tubarões para a Suécia e, estando lá, decidiu prosseguir a viagem e alugar uma carrinha para trazer refugiados a partir da Polónia", recorda Miguel Silva. João Correia, director-geral da Flying Sharks, confirma. "De Estocolmo voámos para Cracóvia e lá alugámos a carrinha. Tínhamos lugar para sete, esta era uma família de sete."

Solidariedade sem limites

Enquanto isso, a vila de Maceda organizava-se para receber a família Kovalchuk. Um casal emprestou uma moradia, que estava vazia e inteiramente por mobilar. "Foi fantástico. Lancei alguns apelos e em dois dias apareceu tudo: móveis, roupa de cama, louças para a cozinha, artigos de higiene", diz Miguel Silva.

A família chegou a 21 de Março e foi recebida com palmas e flores. No exterior da casa, onde há também um quintal com algumas árvores de fruto, foram hasteadas as bandeiras de Portugal e da Ucrânia. Quase todos os dias chegam doações. "Ontem deixaram aqui um saco de fruta à porta. O vizinho do lado, enquanto aguardamos pela instalação da Internet, deu-lhes a *password* dele para poderem ir comunicando com a família que ficou na Ucrânia", relata o presidente da junta de freguesia, informando também que já está em marcha o processo de legalização destas mulheres.

Perguntamos às Kovalchuk o que acham da nova casa onde vivem e Oksana responde com um sorriso: "Temos tudo do que precisamos." Só lhes falta a família – para além dos companheiros, também ficou na Ucrânia a filha mais velha de Oksana, Anastassia, de 30 anos, psicóloga militar – e os animais de estimação, entre cães, gatos e um coelho. "Aqui um vizinho tem uma gata que vai ter bebés. Já lhe pedimos um gatinho para a família. Elas gostam muito de animais...", conta Hanna.

As irmãs Dasha e Masha começaram a ir à escola no fim de Março. Foram integradas numa turma do pré-escolar da Escola Básica do 1.º Ciclo de Maceda, que fica a escassos minutos, a pé, da casa onde agora moram. "Choraram muito no primeiro dia", conta a mãe, Victoria. Ainda assim, sabe que as outras crianças as trataram muito bem e que prometeram, aludindo ao som das bombas a que as duas irmãs estiveram expostas, "fazer pouco barulho, porque as meninas precisam de paz e sossego". Enternece-se com este gesto de solidariedade. Aliás, estão todas muito impressionadas com o acolhimento que tiveram. "Nos primeiros dias, quando saía à rua, ficava muito surpreendida porque toda a gente vinha cumprimentar, mesmo que não conseguíssemos comunicar por palavras", nota Valeria.

Apesar do bom acolhimento, Valeria diz que ainda não consegue "acreditar que está aqui, que há guerra na Ucrânia". No horizonte de todas está regressar o mais rápido possível. Maksym faz um ano a 19 de Abril e Victoria ainda tem esperança de poder celebrar a data em Kiev, junto do marido.

Maksym acorda entretanto e distribui sorrisos, Dasha e Masha divertem-se a cantarolar, Alina entra na sala e quer saber quando pode ir à escola – já depois de as termos visitado, foi integrada na EB 2-3 de Maceda. As mulheres Kovalchuk têm coisas para fazer – enfim, uma tarde normal numa casa de família. Lá fora, Valeria e Deise posam junto às bandeiras dos dois países. "Foi pena que nos tenhamos conhecido nestas circunstâncias, mas ainda bem que nos conhecemos", diz Deise. Valeria volta a sorrir.

Vítimas "indignas" na Ucrânia?

Opinião

Richard Zimler

Apesar de ter vivido em Portugal nos últimos 32 anos, nasci e cresci em Nova Iorque, por isso, nos dias que se seguiram aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, recebi cerca de 50 *e-mails* de amigos e conhecidos de todo o mundo a perguntar se os meus amigos de infância e familiares estavam bem e em segurança. Nas mensagens, a grande maioria deles expressou a sua solidariedade comigo e com outros nova-iorquinos. No entanto, alguns escreveram que, embora não fossem a favor do terrorismo, podiam facilmente compreender que os muçulmanos se opusessem violentamente às recentes guerras travadas pelos Estados Unidos no Iraque – bem como ao apoio dos Estados Unidos a Israel – e estivessem ansiosos por se vingar dos americanos. Dois destes meus amigos não exprimiram qualquer empatia pelas vítimas do ataque e explicaram que os Estados Unidos "estavam a pedir isso" – sendo "isso" um ataque em solo americano.

Apesar de eu defender há décadas que a política externa dos Estados Unidos no Médio Oriente era, em grande parte, criminosa, aquelas mensagens pareceram-me incrivelmente insensíveis e inadequadas – e, dado o estado de preocupação e de choque em que me encontrava, pareceram-me também bastante cruéis. No caso de um deles, aproveitei para lhe perguntar se ele diria a um amigo cujo filho acabara de morrer com uma *overdose* de drogas que o jovem estava "a pedir isso". Ou se, pelo contrário, não expressaria a sua dor e preocupação. Acrescentei que há um momento para exprimir a compreensão e a solidariedade e outro momento – mais tarde – para tentar fornecer algum contexto e oferecer explicações. Disse-lhe também que, nesse momento, atribuir a culpa a quem quer que seja, e não aos terroristas, era completamente inútil porque – numa altura em que os nova-iorquinos procuravam familiares desaparecidos e enterravam os seus mortos – isso só servia para despertar sentimentos de ressentimento, em mim como em outros americanos. Sugeri que daí a alguns meses, se ele quisesse, poderíamos tomar um café juntos e conversar sobre como a política externa dos EUA tinha contribuído para o aumento de ativistas muçulmanos que acreditavam que o assassinato de 3000 homens, mulheres e crianças era justificável e poderia promover a sua causa.

Nunca me respondeu. Nunca mais falei com ele.

E, assim, uma das lições que os ataques aos Estados Unidos em 2001 me ensinaram é que há pessoas que se mostram incapazes de empatia se as vítimas são de países cujas políticas essas pessoas não aprovam ou cujos líderes se comportam de maneiras que consideram censuráveis. Para eles, existem "vítimas dignas" e "vítimas indignas". No caso do 11 de setembro, os 3000 nova-iorquinos e outros que morreram nos ataques terroristas às Torres Gémeas eram, segundo essas pessoas, "indignos" por causa da política externa do Governo dos EUA.

Menciono isso agora porque alguns comentadores e políticos decidiram que os homens, mulheres e crianças ucranianos assassinados em Bucha, Mariupol e outras cidades e vilas de toda a Ucrânia também são "vítimas indignas". Porquê? Porque o Presidente Zelenskii e a liderança do país tiveram a audácia de desejar aproximar-se do resto da Europa e – talvez brevemente depois – buscar a adesão à NATO. Esse foi um erro imperdoável, dizem eles, e suficiente para explicar a invasão de Putin e a sua brutalidade implacável. De facto, muitas dessas pessoas acreditam que o ditador russo pode muito bem ser, afinal, a verdadeira vítima deste conflito. Por exemplo, a deputada trabalhista do Parlamento Britânico Dianne Abbott disse, sobre o conflito, durante a segunda semana de fevereiro: "Vemos que os Estados Unidos decidiram que precisam de enviar as suas forças militares e outros tropas da NATO para as fronteiras da Rússia. Isso, por si só, deveria mostrar-nos que as alegações de que a Rússia é o agressor devem ser tratadas com ceticismo."

Enquanto estão a ser cometidos crimes de guerra, não posso aceitar que os ucranianos estavam 'a pedir isso'

Em Portugal, o Partido Comunista recusou-se a denunciar a invasão da Rússia quando, no final de fevereiro, foi votada no Parlamento uma moção nesse sentido. O seu porta-voz, João Oliveira, ecoando os sentimentos de Abbott, disse que os Estados Unidos eram responsáveis pela guerra e "estavam prontos a sacrificar todos os ucranianos e europeus para promovê-la".

Nas últimas semanas, Oliveira, Abbott e muitos outros políticos e comentaristas em toda a Europa fizeram o possível para transformar Putin em um peão reativo manipulado pela NATO, pelos Estados Unidos, pelo Presidente ucraniano, Zelenskii, e pela União Europeia. Todos eles, de alguma forma, conseguem ignorar o facto de que toda a carreira ditatorial de Putin tem sido baseada numa sede insaciável de dominação e poder – e muitas vezes caraterizada por atos de extrema crueldade.

Não, neste momento, enquanto estão a ser cometidos crimes de guerra na Ucrânia – enquanto há pais que escrevem os nomes e os endereços dos filhos na sua própria pele para o caso de eles ficarem órfãos –, eu não posso aceitar que os ucranianos sejam "vítimas indignas" ou que eles estavam "a pedir isso". Putin tinha alternativas à invasão e é responsável por cada morte causada pelos ataques do Exército russo – assim como é responsável pela prisão de milhares de russos corajosos que manifestaram a sua oposição a esta guerra imoral.

Haverá muito tempo para oferecer teorias sobre o que a Ucrânia e o Ocidente podiam ter feito para evitar este conflito quando a guerra terminar e os mortos estiverem enterrados. Mas este não é o momento. Este é o momento da empatia e da solidariedade – de ajudar ativamente os ucranianos enquanto lutam pela sua própria sobrevivência.

Escritor